

Cadê o pai dessa criança?

Paternidade em tempos difíceis

Elizabeth Monteiro

CADÊ O PAI DESSA CRIANÇA?
Paternidade em tempos difíceis
Copyright © 2013 by Elizabeth Monteiro
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Editora assistente: **Salete Del Guerra**
Capa: **Buono Disegno**
Imagem de capa: **Paffy/Shutterstock**
Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial
Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.summus.com.br>
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3873-7085
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário



	Prefácio ›	9
	Introdução ›	13
1	O homem através dos tempos ›	21
2	A família contemporânea ›	39
3	Ser pai ›	45
4	Os tipos de pai ›	57
5	O pai ideal ›	103
6	Educando o seu filho ›	115
7	Um novo tipo de pai: o doador de sêmen ›	121
8	Uma conversinha íntima ›	123
9	Ao professor do meu filho ›	141

Prefácio



AO INICIAR A LEITURA deste livro, choqueei-me, como pai e avô (três filhos, quatro netos e mais um a caminho), com a agudez das palavras da grande psicóloga e mulher Maria Elizabeth Nunes Monteiro, que jogou ao chão todo o orgulho que eu tinha de ser um bom pai. Entretanto, pediatra que sou, em contato diário com pais e mães, insisti na leitura. A aguda ironia das primeiras páginas da obra aos poucos vai-se preenchendo de uma doçura que só mesmo uma mulher e mãe poderia demonstrar. Baixando então a guarda, passei a fazer uma leitura mais crítica, tentando acompanhar o rápido raciocínio da autora. Imaginei-a escrevendo não com caneta e papel ou com teclado e monitor, mas com pincel e tela. Visualizei fortes e rápidas pinceladas, com cores fortes e contrastantes, tais quais a realidade que ela – com tanta competência, personalidade e paixão – descrevia. Lá estava retratada a evolução da espécie humana, nas versões histórica, política e mítica, desde a criação até os dias atuais. Usando muito humor e uma fina ironia, Elizabeth aborda nosso crescimento (seria mesmo?) ao longo dos tempos até chegar aos dias de hoje.

Ao analisar atitudes de pais, pinta-nos uma obra-prima quando diz: “Paternagem também implica ser um bom modelo: as crianças não têm paciência para ficar ouvindo ser-

mães ou escutar o que os pais dizem, mas jamais deixam de imitá-los”. É a síntese perfeita do aprendizado infantil, reforçada a seguir quando afirma: “Ser um bom modelo ainda é a melhor maneira de educar o seu filho. Trate-o com respeito para ser respeitado”.

Mais adiante, Elizabeth demonstra toda sua emotividade ao citar Richard Louis Evans: “Não há travesseiro mais suave do que o ombro forte de um pai”.

Quando escreve que o pai tem o papel de protetor e também de interditor e que na psicanálise o interditor é visto como a primeira figura a dar limites à criança, a autora resume em uma simples sentença o que há anos tento incutir nos pais e mães que assisto como pediatra.

Ao longo desta obra, Betty descreve as características dos vários tipos de pai – o ausente, o violento, o folgado, o ignorante, o *workaholic* e o abusador, entre outros –, com maestria e objetividade, apontando as terríveis consequências que esses modelos podem trazer para a família como um todo e, em especial, para as crianças. A autora apresenta casos, vivenciados por ela em consultório, extremamente elucidativos e bem inseridos no contexto da obra.

Depois, como um alento, Betty nos fala do pai ideal. Não aquele ser imaginário e impoluto, que pouco ajudaria na formação dos filhos, mas o real, engajado em transmitir valores éticos sólidos às crianças. Assim, aponta-nos um caminho possível que precisa ser construído dia a dia, com muita paciência, entrega e capacidade de ouvir.

Este livro certamente levará conhecimento e conscientização para pais – jovens ou mais maduros – e avôs. Não tenho dúvida nenhuma de que as mães não se furtarão a lê-lo. E, ao

fazê-lo, além de aprender muito, estarão colaborando para uma maior união das famílias, pois poderão compreender melhor como se sentem seus companheiros.

Sylvio Renan Monteiro de Barros

Pediatra, membro da Associação Brasileira de Pediatria e

autor de *Seu bebê em perguntas e respostas*

Introdução



EMBORA EU SAIBA QUE as leitoras deste livro serão na grande maioria mulheres e mães, ele foi escrito e dedicado aos homens. Principalmente aos pais: ao pai ausente, ao relapso, ao inseguro, ao relaxado. Àquele que é descuidado, desinteressado. Ao imaturo, irresponsável, inconsequente. E ainda: ao mesquinho, ao violento e ao mulherengo. E também ao estúpido, grosseiro e malvado. Mais ainda: ao egoísta, folgado, vaidoso e machão.

Mas também é dedicado aos pais que não sabem exatamente qual é o seu papel e quais são as suas funções e àqueles que são ótimos pais e não têm consciência disso. Se você é um paizão, é bom saber os absurdos que os pais cometem e sentir-se muito mais valorizado: um *superpai*.

O escritor e jornalista Ruy Castro comenta que algumas mulheres não precisam de marido: basta ter um cão, um papagaio e um gato, pois esses animais o substituem muito bem. Afinal, o cão já acorda rosnando, o papagaio fala palavrões o dia inteiro e o gato sai à noite e só volta de manhã.

Mas, deixando a piada de lado...

Alguns pais são calados, sisudos, sérios. Guardam mágoas e armam vinganças. Outros parecem presentes, mas na verdade estão a quilômetros de distância de seus filhos: presos em seus pensamentos, escondidos atrás dos jornais ou com os sentidos fixos na TV, na internet, no celular, nas redes sociais, nos *games* e em toda a parafernália de eletrônicos existentes.

Há também aqueles pais que preferem dedicar o tempo livre aos seus *hobbies*: montam e desmontam a moto inteira (ou a bicicleta) enquanto a criança fica olhando; lavam, enceram, lustram o carro mil vezes. E depois os filhos não podem entrar no veículo, pois o sujarão. Temos ainda aqueles pais que brincam com os seus aeromodelos e não deixam a criança chegar perto porque os filhos são uns estúpidos e podem quebrar tudo. Existem também aqueles que adoram fazer coleções disso e daquilo e a criança só fica olhando de longe...

Alguns pais se relacionam com suas coisas, com seus objetos, como se estes tivessem vida. Ficam horas na academia e, quando levam os filhos (para sentir que lhes dão atenção), deixam-nos entediados, dormindo num colchonete. Vão jogar tênis enquanto as crianças ficam largadas no clube. Ainda assim, eles pensam que estão dando atenção à prole.

Alguns pais têm hábitos desagradáveis, como arrotar e falar palavrões na frente das crianças. Belo modelo de homem que passam aos filhos...

Em casa, ligam a TV e assistem a programas humorísticos de baixo nível, com conotação erótica e sexual, além de filmes violentos ou pornográficos. Riem às gargalhadas e dormem. Esse tipo de pai também costuma fazer piadinhas de mau gosto com os filhos, dando-lhes apelidos sádicos.

Há ainda aqueles que são loucos para ter um filho. Casam-se com uma mulher maravilhosa e complacente, mas o filho nasce e eles não aguentam o rojão. Morrem de ciúmes da relação mãe-bebê e depois de um tempo chegam com a velha desculpinha: “Depois que o bebê nasceu, você virou mãe e se esqueceu de mim”. Aí vem a separação. Na verdade, ele já tem outra há muito tempo... O que lhe faltava era uma desculpa para sair de casa.

E o que dizer dos abusadores sexuais de seus próprios filhos e filhas, dos pedófilos e dos que se drogam? Você acredita que tem pai que puxa aquele fuminho e ainda acha que maco-nha não é droga?

Você sabia que no Brasil cinco mulheres são agredidas por seu companheiro a cada dois minutos? Esses dados foram coletados em 2011 por uma parceria entre a Fundação Perseu Abramo e o Sesc.

Este livro também é dedicado a você, que é um *workaholic* e se julga um pai perfeito e maravilhoso, além de um coitado.

Será que você se encaixa em algum desses modelos negativos?

Não me leve a mal. Não é nada pessoal. Afinal, eu nem o conheço, mas sei bem os males que esse tipo de comportamento causa nas crianças e na família como um todo. Os estragos provocados por pais assim acabam chegando às minhas mãos.

Posso contar nos dedos os pais que conheço que procuram os professores da escola para saber como seus filhos estão indo. Assim como aqueles que me procuram para agendar uma consulta, ou comparecem à entrevista marcada pela mãe do seu filho. Geralmente preciso impor:

— Não atendo seu filho se não conhecer o pai dele.

A mãe me responde:

— Meu marido não sabe que eu estou aqui porque é contra psicólogos. Ele diz que sou eu que não sei educar.

Ou:

— O meu marido não tem tempo para vir aqui.

Ou ainda:

— Ele diz que o filho é igualzinho a ele e que ele não tem problemas.

Esses são os piores: aqueles que dizem não ter problemas. Sem falar nos que afirmam que psicólogo é coisa “de louco”.

Quando dou – ou frequento – palestras, percebo que apenas 5% (ou menos) dos pais comparecem. O mesmo acontece com as reuniões escolares.

Quem leva o filho ao médico e ao dentista? Quem lhe compra roupas? Quem o leva à natação,   aula disso e daquilo? Quem interrompe o trabalho para dar um telefonema e saber se está tudo bem em casa? Quem procura as soluções para os problemas do dia a dia? Quem leva o filho ao cinema, ao teatro, a festinhas infantis, ao parque? A mãe, sempre a mãe.

As desculpas são sempre as mesmas:

— O pai trabalha.

— Ele não tem tempo.

— Ele não tem paciência com as crianç as.

— Ele acha isso uma bobagem.

— Ele acha que isso   coisa que a mãe tem de fazer.

— Ele   muito nervoso.

— O meu marido não gosta de ser incomodado.

— Ele precisa descansar.

—   justo no dia em que ele tem futebol ou tem de sair com os amigos.

— Ele chega tarde.

— Ele nunca está quando eu preciso dele.

— Ele nunca pode.

Quando o filho não está bem e precisa de psicoterapia ou de outro tipo de ajuda, ele diz que isso   tolice, coisa de gente fraca, que   são deixar a crianç a por conta dele que ele logo resolve o problema do seu jeito. Tenho tantos casos para contar que voc e vai ficar impressionado.

HOJE, AS MULHERES E AS MÃES TAMBÉM TRABALHAM E VÁRIAS DELAS ocupam cargos de maior responsabilidade. Muitas são mais

bem remuneradas que os pais de seus filhos, mas em boa parte dos casos os homens não aceitam essa situação. Sentindo-se humilhados, dão um jeito de se afastar da família ou acabam transformando a vida de todos num inferno.

Quando se divorciam ou não reconhecem a paternidade de seu filho, chegam a ser cruéis, desumanos e monstruosos. A mídia vive repercutindo casos assim. Os homens podem ser maquiavélicos quando resolvem não assumir suas responsabilidades perante os filhos.

Numa roda de amigos, acham o máximo falar mal de suas companheiras e contam vantagens a seu respeito. São verdadeiros atletas sexuais e homens de grande poder e sucesso profissional. Dizem fazer e acontecer; buscam *status* fazendo marketing pessoal.

Não se escutam nem sabem ouvir, pois não são capazes de sentir interesse verdadeiro pelos sentimentos ou pela vida do outro. Só conseguem se vincular para se exibir ou quando têm um objetivo oculto, como levar vantagem em algo. Que belo modelo de cidadania, não?

A visão de mundo desses homens está focada no poder e na força. Eles não têm vida interior e anseiam por distrações externas para se sentir vivos. Não entendem relacionamentos íntimos. Sua sexualidade é mecânica e desapaixonada. Relacionam-se com o pênis como se ele também tivesse vida própria (desconectados da sua).

O homem vive tão preocupado com a questão da masculinidade, tão determinado em mostrar-se homem – quer estar certo o tempo todo, ser livre, ser o melhor, ter o poder – que acaba sendo vítima de si mesmo. Seu ego inflado o impede de ver sua própria deterioração.

Ele acaba a vida sozinho: longe dos amigos, da família e da pessoa que ele era antes de se preocupar tanto em “ser um homem”.

Estudos do dr. Herb Goldberg, professor emérito de Psicologia na Universidade do Estado da Califórnia, mostram que os homens passam a vida acreditando que estão trabalhando por sua família e que isso expressa amor, mas depois descobrem que a interpretação feita pela mulher e pelos filhos é muito diferente. Eles escolhem uma esposa complacente, que os entenda e os ajude a crescer, e acabam sendo importantes para a família somente por provê-la. Muitos pais se queixam: “Minha mulher e meus filhos só me procuram para pedir dinheiro!” Mas não foi exatamente isso que ele ensinou à família?

Esse tipo de homem atribui seu jeito de ser ao outro:

— A minha mulher é uma bruxa.

— O meu pai me fez assim.

— Os meus filhos só amam a mãe.

— Ninguém me dá valor nesta casa.

— Bebo pra esquecer, pra ter companhia.

— Só sirvo pra dar dinheiro.

— Tenho uma amante porque minha mulher não gosta de sexo.

— Tenho outra porque a relação não está boa.

— Não sou promovido porque o meu chefe me persegue.

A família se culpa e se afasta. Procura não incomodá-lo, e a capacidade limitada do homem de fazer vínculos pessoais e afetivos o transforma num caixa eletrônico.

É lógico que existem mulheres más e invejosas. O sujeito que tem a infelicidade de se juntar a elas está perdido. Mas, como o objetivo deste livro não é falar sobre relacionamentos conjugais, não tratarei do assunto aqui. Penso que não importa

com quem você seja casado ou com quem tenha um filho: nada justifica ser um mau pai. Seu filho não tem nada que ver com a pessoa que você escolheu para ser mãe dele.

Você tem a obrigação de cuidar do seu filho de maneira amorosa, respeitosa, ser presente e atuante. E, acima de tudo, deve ser um bom modelo. Afinal, é assim que se educam e se formam bons cidadãos.

Toda vez que alguém vê uma criança se comportando mal, sendo inconveniente, fazendo manha ou tentando chamar a atenção, o comentário é sempre o mesmo: “Cadê a mãe dessa criança?”

Neste livro, eu ousou perguntar: e o pai, onde está?

Procuro, também, mostrar a importância do vínculo entre pai e filho na autoestima e na capacidade intelectual e afetiva da criança. Aqueles que são criados com a participação ativa do pai se tornam adultos mais seguros, mais competentes e mais amorosos.

Nas últimas décadas, as famílias passaram por grandes transformações, e é cada vez mais comum a participação dos pais na vida dos filhos. Isso é ótimo e sinaliza mudanças que trarão benefícios às futuras gerações. Mas ainda há muito a caminhar nesse sentido, e bastante coisa a ser feita já, neste momento. Espero sinceramente que você seja um dos agentes dessa mudança.

1 O homem através dos tempos



PARA ENTENDERMOS O COMPORTAMENTO do homem, é necessário estudar sua história. Usarei o senso de humor para dar a você um breve esclarecimento da origem e da manutenção de alguns comportamentos e atitudes através dos tempos porque é assim que devemos encarar os problemas da vida.

Você vai ver que me baseio na história do homem ocidental. Embora eu brinque e muito do que diga se baseie em minhas vivências pessoais e profissionais, acredito que o comportamento masculino ainda mantém um elo com o mundo antigo.

Para começar, precisamos entender que existem duas teorias a respeito da criação do universo e dos seres que aqui habitam: o criacionismo e o evolucionismo. Vamos a elas.

Criacionismo

Tudo começou num lugar chamado Paraíso, onde vivia solitariamente um tal de Adão. Ele não fazia nada e estava muito deprimido.

Vendo-o assim, Deus o interpelou:

— O que está acontecendo, meu filho? Eu o criei à minha imagem e você está tão macambúzio! Parece-me tão desmotivado!